

La Comédiathèque

Jean-Pierre Martinez

Nicotina

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediathèque.net>**

Nicotina

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Trabalhar ou não trabalhar, essa é a questão.
Em um breve intervalo para um cigarro electrónico,
alguns viciados em trabalho trocam palavras nebulosas.

*Distribuição muito variável em número e sexo: cerca de quarenta papéis masculinos
ou femininos, um mesmo ator pode interpretar vários papéis.*

© La Comédiathèque

O que parece ser uma varanda. Dois personagens, homens ou mulheres, chegam. Começam a fumar. E divagam observando as volutas que saem dos seus cigarros, possivelmente eletrónicos.

Yael – Sabias que as partículas podem estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo?

Alex – As partículas?

Yael – As partículas elementares! Os fotões, se preferires. Segundo as leis da física quântica, pelo menos.

Alex – Tens a certeza de que estás a fumar nicotina?

Yael – Não, garanto-te. Ouvi algo sobre isso ontem na rádio.

Alex – Sim. Bem, dava-me jeito ser uma partícula, sabes? Podia estar na reunião que tenho hoje às cinco e, ao mesmo tempo, buscar a minha filha à saída da escola.

Yael – Seria realmente útil ter o dom da ubiquidade. Imagina? No sábado de manhã, na fila do caixa do supermercado com a tua parceira. E, ao mesmo tempo, deitado na cama com a tua amante num pequeno hotel encantador no campo.

Alex – E ao voltar, o frigorífico estaria cheio. Seríamos completamente inocentes.

Yael – Nem seria necessário ter um álibi.

Alex – Poderíamos continuar a falar sobre infidelidade?

Yael – O adultério implica coexistência. Não se é infiel com os parceiros conhecidos antes ou depois do casamento. No entanto, a física quântica descreve um estado da matéria onde a própria noção de tempo é suspensa.

Alex – Então as partículas nunca são traídas. É verdade que isso é algo que dá que pensar.

Yael – Sem tempo não há causalidade e, portanto, não há culpa.

Alex – Isso não soa muito católico.

Yael – Parece que Deus não governa o infinitamente pequeno. A física quântica é uma teoria da orgia generalizada.

Alex – Infelizmente, as minhas partículas não estão sujeitas às leis da física quântica.

Yael – Tens razão... Nós estamos mais sujeitos à lei do máximo aborrecimento.

Alex guarda o seu cigarro eletrónico.

Alex – De facto, tenho de voltar, porque não tenho a certeza de que o meu chefe esteja muito versado em física quântica. Vai-te rir, mas ele ainda está convencido de que quando estou de pausa não estou a trabalhar.

Yael – O que demonstra a sua profunda ignorância. Se ele soubesse o alto nível das conversas que podemos ter durante uma pausa para fumar.

Yael também guarda o seu cigarro.

Alex – É verdade que cada vez nos olham pior, nós, fumadores.

Yael – Por isso, na segunda-feira, eu deixo de fumar.

Alex – Já ouvi isso antes.

Yael – Não, não, garanto-te. Desta vez é a sério.

Alex – Porque esperas até segunda-feira então?

Yael – Tenho de ir buscar a minha sogra esta noite. Ela fica connosco o fim de semana. E acredita, um fim de semana com a minha sogra não é o momento certo para deixar de fumar.

Alex – Já percebi...

Yael – Também tens sogra?

Alex – Pode-se escolher não casar, mas não se pode escolher não ter sogra.

Yael – A menos que cases com um órfão...

Alex – Abandonado à porta de uma igreja, de preferência. Para não ter de ir pôr crisântemos no cemitério no Dia de Todos os Santos...

Yael – Isso leva-nos de volta à mecânica quântica. Um gato tem de estar morto ou vivo. E para as sogras, é a mesma coisa...

Alex – Um gato?

Yael – Nunca ouviste falar do Gato de Schrödinger?

Alex – Não.

Yael – É um amigo de Einstein que questionou as leis da física quântica.

Alex – E então, ele tinha uma sogra.

Yael – Explico-te outro dia. Ei, não me posso esquecer de meter gasolina no carro, ou vou ficar preso na autoestrada a caminho de buscar a minha sogra.

Saem. Chega um homem. Seguido de perto por uma mulher. Trocam olhares, mas claramente não se conhecem e rapidamente desviam o olhar. O homem tira um cigarro eletrónico. A mulher faz o mesmo. O homem finge procurar algo nos bolsos, depois aproxima-se da mulher.

António – Desculpa, tens lume, por favor?

A mulher parece desconcertada.

Clara – Mas, é um cigarro eletrónico, certo?

António – É verdade, desculpa por isso. Agora que deixei de fumar, vou ter de atualizar um pouco os meus métodos de engate.

Clara – Se me permites dizer, devias tê-los atualizado desde o final dos anos 80, não?

António – Na verdade, só estava a tentar fazer-te rir. Mas parece que não funcionou.

Clara – Já percebi. Então o pedido de lume era uma piada. Nesse caso, bravo, é muito engraçado. Só faltava... um pequeno aviso como "Atenção, piada".

António – Também sou bom a ser engraçado sem querer, sabes? Fazer rir é algo natural em mim. Às vezes, até entendo as minhas próprias piadas depois de as fazer. Há muito tempo que deixaste...?

Clara – ¿De fazer piadas?

António – De fumar.

Clara – Ah não, mas nunca fumei cigarros. Ainda não. Na verdade, só vapeio para experimentar.

António – Para experimentar?

Clara – Para ver se realmente gosto.

António – Ah, já percebi...

Clara – E se gostar, começo a fumar cigarros de verdade, com tabaco verdadeiro. Parece-te uma parvoíce?

António – De maneira nenhuma.

Clara – Embora, sim, seja completamente absurdo.

António – Então, agora estás a gozar comigo?

Clara – Exactamente. E no meu caso, acredita, é completamente intencional. Só sou engraçada quando decido ser.

António – Bem... Então estamos empatados. Também aprecio que uma mulher tenha sentido de humor, sabes? E devo admitir que no início temi que estivesses totalmente desprovida dele.

Clara – Agora estou mais tranquila. Eu temia já te ter desiludido. Mas diz-me, quando falas do sentido de humor numa mulher, referes-te à capacidade dela para rir das tuas próprias piadas, sejam intencionais ou não?

Ele fica desconcertado por um momento.

António – E se fizéssemos uma pausa?

Clara – Ia propor-te isso mesmo. Afinal de contas, estamos aqui para isso, não?

Ambos vapeiam em silêncio.

António – De qualquer forma, nunca funcionaria entre nós.

Clara – Já acabou a pausa?

António – Trabalhamos na mesma empresa...

Clara – Diz-se que uma em cada três pessoas conhece o seu parceiro no trabalho.

António – Imagina voltar juntos à noite para o nosso pequeno apartamento nos subúrbios e perguntar como foi o nosso dia, quando trabalhamos no mesmo escritório.

Clara – Trabalhamos no mesmo escritório?

António – Não te chamei a atenção, está bem. Mas se não reparaste, precisas de óculos.

Clara – Também estou a gozar contigo. Vê que ainda podemos surpreender-nos mutuamente, mesmo depois de trabalharmos juntos o dia todo no mesmo escritório durante três meses.

António – Estás aqui há três meses?

Clara – Prefiro tomar isso como uma das tuas piadas involuntárias, ou seria um pouco ofensivo. Mas concordo que a longo prazo seria insuportável.

António – Bem, então só vejo uma solução.

Clara – Qual?

António – Demito-me.

Clara – Não tenho a certeza de preferir sair com um desempregado em vez de um colega de escritório. Nem sequer terias dinheiro para pagar a renda do teu pequeno apartamento nos subúrbios, onde pensavas convidar-me para passar dias felizes contigo.

António – É incrível o quão práticas podem ser as mulheres.

Ela sopra ostensivamente o vapor do seu cigarro na cara dele.

Clara – Os príncipes encantados raramente estão no desemprego.

Ela guarda o seu cigarro eletrónico.

António – Poderíamos vaporizar juntos alguma vez?

Clara – Então, talvez noutra ocasião.

António – Lembro-te que trabalhamos no mesmo escritório. É pouco provável que não nos voltemos a ver nunca mais.

Clara – Essa é uma boa razão para não arriscarmos dormir juntos.

Ela sai. Ele fica um momento perplexo. Continua a fumar um pouco e depois também sai.

Chegam duas personagens, homens ou mulheres. Acendem um cigarro, possivelmente eletrónico. Um silêncio algo incómodo.

Claudio – Conhecias-o?

Domi – Sim, bem... De vista... Via-o de vez em quando aqui durante a sua pausa para fumar... E tu?

Claudio – Trabalhava no escritório ao lado do meu.

Domi – Mmm...

Claudio – Se tivéssemos suspeitado de algo...

Domi – Suspeitado de quê?

Claudio – Do que lhe ia acontecer.

Domi – Mmm... E o que é que poderíamos ter feito?

Claudio – Não sei... Podíamos ter tentado algo...

Domi – Ah sim... E o quê, por exemplo?

Claudio – Tens razão, não podíamos ter feito nada.

Domi – Exactamente.

Claudio – É o destino.

Domi – Então não temos nada de que nos arrepender.

Um momento. Fumam.

Claudio – A mulher dele decidiu cremá-lo. Parece que era o que ele queria.

Domi – Sim, claro...

Claudio – Porquê? Ele mencionou-te isso?

Domi – Ele pegou fogo a si próprio... Pode-se deduzir que tinha uma certa preferência pela cremação.

Claudio – Mmm...

Domi – E além disso, para a cremação, já está feito o mais difícil.

Claudio – Bem, na verdade, ele não se incendiou deliberadamente. Foi um acidente.

Domi – Um acidente... Vais reconhecer que a esse nível de atrapalhação, ainda podemos falar de um ato falhado, não achas?

Claudio – É verdade que acender um cigarro enquanto estás a encher o depósito de gasolina com uma garrafa... É suicida.

Domi – Especialmente quando acontece na berma de uma autoestrada. (Um momento). Foi antes ou depois do camião o atropelar?

Claudio – Antes de quê?

Domi – Antes de ele pegar fogo como uma tocha.

Claudio – Acho que depois. Começou a correr como se quisesse atravessar a autoestrada. O condutor do camião tentou desviar-se, mas não conseguiu.

Domi – Ainda bem que o camião não pegou fogo também.

Claudio – Era um camião de bombeiros. Podemos dizer que teve sorte no azar. Pôde receber os primeiros socorros de imediato.

Domi – Infelizmente, já era tarde demais.

Claudio – Que ideia atravessar assim, sem olhar. Como um louco.

Domi – Embora, já estivesse envolto em chamas.

Claudio – Quem sabe o que ele estava a procurar do outro lado da autoestrada.

Domi – Isso... nunca saberemos...

Claudio – Mmm... Ele levará o seu segredo para a tumba... Ou melhor, para a urna...

Domi – Seguramente por isso falam do segredo das urnas.

Claudio – Achas?

Domi – Não, estou a brincar...

Claudio – Também me parecia...

Domi – Mas tinhas razão antes. Se tivéssemos suspeitado de algo, ainda podíamos ter feito alguma coisa.

Claudio – O quê?

Domi – Podíamos ter tentado convencê-lo a deixar de fumar.

Claudio – Os cigarros... deviam ser proibidos! Sabes quantas pessoas morrem todos os anos por causa do tabaco?

Domi – Bem, ele não morreu diretamente pelos efeitos nocivos do tabaco na saúde...

Claudio – Se ele não tivesse acendido um fósforo na sua garrafa depois de ficar sem gasolina na autoestrada indo buscar a sogra, hoje estaria a fumar um cigarro connosco.

Domi – É o destino, digo-te. Bem, vamos?

Estão prestes a ir-se embora.

Claudio – Parece que encontraram um gato preto no separador central da autoestrada. Pergunto-me se isso lhe trouxe azar.

Domi – E o gato, sobreviveu?

Claudio – O gato? Não sabemos se está vivo ou morto.

Domi – Talvez ele tenha tentado atravessar a autoestrada para salvar o gato...

Saem. Chega uma mulher para fumar. Outra junta-se pouco depois. Trocam um sorriso educado. O telemóvel da segunda toca e ela atende.

Patrícia – Olá? Eu disse-te para não me chamares aqui. Sim, eu sei que é um telemóvel, mas a esta hora sabes muito bem que estou no escritório. Escuta, falamos mais tarde, está bem? E entre nós, perdido por um, encontrado por dez, não é? Bem, tenho mesmo que desligar. Não posso falar aqui, estou numa reunião... Não, eu é que te vou ligar...

Guarda o telemóvel e olha incomodada para a outra que finge não ter ouvido nada.

Cristel – És nova? Nunca te vi aqui.

Patrícia – Há uma semana. Antes trabalhava no rés-do-chão. Saía para fumar lá fora no átrio. Mas a empresa mudou-se para a Roménia.

Cristel – Isso é algo que não consigo entender. As nossas empresas mudam-se para a Roménia, e os romenos vêm para cá à procura de trabalho.

Patrícia – E tu?

Cristel – Já cá estou há quinze anos.

Patrícia – Ah, uau. Então gostas...

Cristel – Sim, bem... Quando cheguei, não pensei em ficar tanto tempo. Depois, não tive ânimo para procurar noutro lado. E agora, não tenho a certeza se alguém mais me quer.

Patrícia – Compreendo. Um contrato de trabalho é um pouco como um contrato de casamento. Até eu, se não me tivessem despedido... Aliás, desculpa por há pouco...

Cristel – Era o teu ex?

Patrícia – A minha mãe.

Cristel – Ah... É muito mais difícil livrar-se de uma mãe do que de um ex...

Patrícia – Com certeza por isso não existe o termo ex-mãe... Perdeu o gato dela.

Cristel – Ah, sim...?

Patrícia – Ela resgata todos os gatos vadios do bairro. O problema com os gatos vadios é que não são muito caseiros. Mais cedo ou mais tarde acabam por fugir pelos telhados.

Cristel – Como os homens.

Patrícia – Parece que sabes do que falas...

Cristel – Eu coleciono um pouco homens perdidos. Aqueles que parecem não saber onde vivem. Cuido um pouco deles. Mimo-os. Começam a ronronar. Mas confirmo-te que eles também, mais cedo ou mais tarde, depois de entrar pela porta, acabam por sair pela janela.

Patrícia – Sim... (*Olha discretamente para o relógio*) Não devo demorar muito, ainda estou no período de experiência...

Cristel – Eu também tenho que voltar. Mas podíamos tomar um copo de raparigas uma destas noites, não?

Patrícia – Porque não? Tenho estado livre como o ar desde há uns dias.

Cristel – Então houve um ex.

Patrícia – Mas com esse não tive problemas para me livrar dele. Parece que os homens têm tendência a consumir-se de amor por mim.

Cristel – Que sorte...

Patrícia – Morreu carbonizado na autoestrada.

Cristel – Lamento muito.

Patrícia – De qualquer forma nunca teria funcionado entre nós. Ele era casado e era do tipo caseiro.

Cristel – A vida é injusta. Os homens do tipo caseiro, não é na nossa casa que vivem... Bem, até logo...

Ela vai-se embora. A outra fuma mais um pouco e depois vai-se também. Chega uma personagem, homem ou mulher. Descalça os sapatos, mocassins ou saltos altos, e aproxima-se da beira do palco, como se estivesse à beira de um abismo no qual considera saltar. Outra personagem, homem ou mulher, chega atrás dele e fica desconcertado.

Ângelo – Senhor Presidente...

O outro vira-se.

Presidente – Às vezes pergunto-me se não seria melhor parar. Não acha?

Ângelo – Parar de fumar, quer dizer?

Presidente – Francamente, para quê tudo isto?

Ângelo – Não sei, Senhor Presidente...

Presidente – É a crise, velho amigo. O mercado do calçado está em queda livre. A empresa está à beira do precipício. Só falta um passo.

Ângelo – Eu... Não é preciso ser tão pessimista, Senhor Presidente. Ainda se sente um movimento.

Presidente – Um movimento? Sente um movimento? É a febre, velho amigo! A febre!

Afasta-se da beira do palco, descalço.

Presidente – Já ouviu falar das sandálias de Empedocles?

Ângelo – As sandálias de... Não, Senhor Presidente. Mas se quiser, posso estudar o assunto.

Presidente – Bem, querido, se alguma vez encontrar os meus sapatos à beira deste vulcão, saberá onde me encontrar.

Ângelo – Onde, Senhor Presidente?

Presidente – Em baixo, velho amigo. No caldeirão dos infernos!

Ângelo – Claro, Senhor Presidente. (*O telemóvel toca*) Permita-me um momento, Senhor Presidente... Sim? Sim, sim... Ouve... Não posso falar contigo agora... (*Baixando a voz um pouco*) Estou com o Presidente... (*Enquanto fala, o Presidente afasta-se discretamente, deixando os sapatos lá.*) Ok, ligo-te dentro de cinco minutos...

Guarda o telemóvel e, ao não ver o Presidente, fica perplexo por um momento. Inclina-se para a beira do palco para olhar para baixo.

Outra personagem, homem ou mulher, chega e também começa a fumar. O primeiro vira-se e fica surpreso ao vê-lo.

Luca – Estás bem?

Ângelo – Eh... Sim, sim...

Luca – Em que estás a trabalhar neste momento?

Ângelo – As... As Sandálias de Empedocles, conheces?

Luca – Já ouvi falar um pouco delas, sim.

Ângelo – E sabes a quem pertencem?

Luca – As sandálias de... Bem, a ele, não é?

Ângelo – Ah sim, evidentemente.

Luca – Porquê?

Ângelo – Não sei... Intuição... Não digas a ninguém, mas tenho a sensação de que as nossas ações na bolsa vão subir.

Luca – Subir? Por causa das sandálias de Empedocles?

O outro volta a olhar para os sapatos.

Ângelo – Em contrapartida, aqui poderíamos ter um problema de liderança em breve. Se fosse a ti, vendia. Isto fica entre nós, claro...

O primeiro vai-se embora. O outro vê-o a ir-se, intrigado. Depois de um momento, vê os sapatos, aproxima-se e observa-os com perplexidade. Em seguida, aproxima-se mais da beira do palco e olha para baixo. Tira o telemóvel e marca um número.

Luca – Sim, sou eu. Ouve, podias vender todas as ações que temos em carteira de...
(*Chega outra personagem, homem, e ele interrompe-se*) Espera, ligo-te depois...

Vai-se embora. O outro fica sozinho em cena.

Alán – Com ou sem filtro...

Chegam duas mulheres, uma loira e outra morena.

Alán – Loira... ou morena.

As duas mulheres continuam a conversa sem lhe prestar atenção.

Amália – Então eu disse-lhe, estás a gozar comigo?

Núria – E o que é que ele respondeu?

Amália – O que esperavas que respondesse?

Núria – Não respondeu nada?

Amália – E a ti o que disse?

Núria – O mesmo.

Amália – Não posso acreditar!

Núria – A sério.

Amália – Mas é incrível. A sério que ele te disse isso?

Núria – Deixou-me surpreendida.

Amália – Ah sim, claro, não me admira. Mas quem é que ele pensa que é?

Núria – Tem de ser posto no lugar de vez em quando, senão...

Amália – Ah não, juro-te, há vezes...

O tipo faz uma pose teatral para declamar em estilo shakespeariano.

Alán – Fumar... ou não fumar.

Finalmente, as duas mulheres vêem-no e trocam um olhar de desconfiança.

Alán – Essa é a questão... Senhoras... Tenham um bom dia...

O tipo vai-se embora. Elas esboçam um leve sorriso mas não respondem. Ele sai.

Núria – Quem é esse? Conheces?

Amália – Já o vi uma ou duas vezes.

Núria – Ele pensa que é alguém importante, não é?

Amália – Pois é.

Núria – Acha-se o Alain Delon ou o quê?

Amália – Claro que não é o Alain Delon, pois não?

Núria – Sabes onde trabalha?

Amália – Acho que no quinto.

Núria – No quinto? O que fazem no quinto?

Amália – Não sei... Suponho que o mesmo que no sexto.

Núria – Ah, já percebi. Então ele acha mesmo que é...

Fumam um momento.

Amália – Bem, a verdade é que não está mal...

Núria – Já te digo.

Amália – Não é Alain Delon, mas...

Núria – É preciso ser realista, é pouco provável que vejamos Alain Delon por aqui algum dia.

Amália – Isso está claro...

Começam a ir-se.

Núria – E dizes que trabalha no quinto?

Amália – Acho que sim.

Núria – O Alain Delon não faleceu?

Saem. O Presidente regressa acompanhado de outro executivo, homem ou mulher. O CEO está descalço.

Sasha – É incrível. As ações da empresa caíram 20% em duas horas!

Presidente – Sim, eu sei.

Sasha – Não parece preocupá-lo...

Presidente – Uma queda nas ações também é uma oportunidade de compra. Comprei 10% da empresa quando as ações estavam no ponto mais baixo. (*Consulta a tela do seu telefone.*) Na verdade, as nossas ações acabaram de recuperar 15%.

O outro também olha para a tela do telefone.

Sasha – Aparentemente, era um boato sobre a morte do Presidente...

Presidente – Infundado, como podem ver. Vejam, nunca me senti melhor!

O outro olha-o com suspeita.

Sasha – Entendo... (*Nota que o Presidente está descalço.*) Mas, o que fez aos seus sapatos?

Presidente – Os meus sapatos?

O Presidente finge procurar os sapatos, que havia deixado intencionalmente antes à beira do palco.

Presidente – Aqui estão! Temia tê-los perdido para sempre.

Aproxima-se da beira do palco e coloca os sapatos. Depois dá um tapinha no ombro do outro.

Presidente – É um milagre, amigo. Acredite, Deus existe.

Saem. Chegam dois personagens adicionais. O segundo está a rir e continuará durante toda a cena.

Max – Pareces muito contente. O que te causa tanta alegria?

Pat – Não te disse?

Max – Não. Vais de férias?

Pat – Deixo a empresa. Definitivamente.

Max – Foste despedido?

Pat – Melhor que isso!

Max – Ganhaste o euromilhões?

Pat – Fui diagnosticado com uma doença genética muito rara. Os médicos andaram a fazer voltas durante meses, mas finalmente diagnosticaram-me. Havia uma oportunidade em vinte milhões de que fosse eu, percebes? Vou sair esta noite de baixa por doença prolongada.

Max – Ah, já entendo a tua hilaridade. É muito melhor que ganhar o euromilhões, de facto.

Pat – Mas não é uma doença mortal, ok? É apenas uma doença que... me deixa extremamente eufórico o dia todo.

Max – Ah, sim...

Pat – Não paro de rir desde a manhã até à noite.

Max – Claro que no nosso trabalho pode ser incómodo.

Pat – Imagina eu a dizer a um cliente: “então, também temos este modelo em carvalho maciço. É um pouco mais caro, claro, mas é o melhor que temos atualmente em caixões...” E depois rir logo depois de dizer isso!

Max – Com certeza, nos serviços funerários a risada constante pode ser considerada uma doença profissional... E realmente não consegues evitar?

Pat – É genético, digo-te. É uma doença órfã muito rara. Não tem tratamento.

Max – E a tua família, como está a lidar com isso?

Pat – Muito mal. Estamos há vinte anos sem nos falarmos, e de repente eu rio o dia todo. Os meus amigos também. Todos estão convencidos de que me estou a gozar com eles.

Max – E agora, estás mesmo a garantir que não te estás a gozar comigo, por acaso?

Pat – Não, garanto-te.

O outro guarda o cigarro eletrónico.

Max – Bem, já chega de risadas. Tenho que voltar ao trabalho. E acredita, não é para rir. Portanto, diverte-te, ok?

Pat – Mas espera...

Ele ri-se. O outro vai embora desconfortável. Chegam duas mulheres.

Isabel – Porque é que aquele está sempre a rir-se?

Carmen – No entanto, não há motivo para rir.

Pat prefere ir-se embora. A segunda começa a fumar ou a vaporizar.

Isabel – Às vezes, juro-te, dá vontade de o matar.

Carmen – Quem?

Isabel – O chefe!

Carmen – Ah, sim...

Isabel – Sabes que ele fica de mau humor quando lhe digo que vou fazer uma pausa para fumar?

Carmen – Talvez lhe preocupe a tua saúde.

Isabel – Sim, claro. Mas quem é que ele pensa que sou? Mesmo os escravos nas galés tinham direito a uma pausa de vez em quando.

Carmen – Achas?

Isabel – Bem, também não somos escravos.

Carmen – Está claro. (*Oferece um cigarro*) Queres um?

Isabel – Não, obrigada, deixei de fumar.

Carmen – Deixaste de fumar?

Isabel – Sim... Também por isso é que estou um pouco nervosa, sabes?

Carmen – E ainda assim, continuas a fazer a tua pausa para fumar?

Isabel explode.

Isabel – Não me digas que tu também vais começar!

Carmen – O quê? O que é que eu disse?

Isabel – Não é porque eu tenha deixado de fumar que vou abdicar da minha pausa para fumar!

Carmen – Sim, não, mas eu não disse isso.

Isabel – A pausa para fumar é um direito, caramba!

Carmen – Sim, sim, claro. Com certeza. Sim.

Isabel – Oh, e todos vocês estão a chatear-me!

Ela vai-se embora. A outra segue-a.

Carmen – Não, espera, podemos continuar a conversar...

Isabel – Se isto continuar assim, volto a fumar. É isso que vocês querem?

Saem. Dois personagens, homens ou mulheres, entram. Começam a fumar.

Kim – Em que piso trabalhas?

Sam – No quinto...

Kim – Que empresa há no quinto?

Sam – A mesma que no quarto.

Kim – Ah, já percebi. Importação-exportação.

Sam – Neste momento, sobretudo importação.

Kim – Sim. O que poderíamos exportar?

Sam – Sim.

Kim – Não sei.

Sam – Talvez os nossos deputados e senadores.

Kim – É verdade que, ao contrário do petróleo, isso não nos falta.

Sam – Os senadores são a única energia que é tanto fóssil como renovável.

Kim – E que produtos importam?

Sam – Um pouco de tudo. Mas estamos especializados em produtos financeiros.

Kim – Produtos financeiros?

Sam – Importamos capitais.

Kim – Para quê?

Sam – Para pagar os outros produtos que importamos.

Kim – Ah, está bem... Mas com o que pagamos esses capitais que importamos?

Sam – Agora há vários termos muito técnicos para designar esse tipo de produtos na linguagem financeira, mas basicamente, podemos chamá-los de reconhecimentos de dívida.

Kim – Então, na realidade, importamos tudo o que consumimos e o único produto que exportamos são as nossas dívidas.

Sam – Exatamente.

Kim – Mas por que é que todos esses países que nos sustentam compram as nossas dívidas?

Sam – Para que tenhamos com o que pagar-lhes. Caso contrário, não poderiam exportar. Seria o colapso do sistema.

Kim – Vejo... Mas então, por que é que todos esses países pobres não consomem o que produzem em vez de exportarem para países ricos que não têm dinheiro para pagar-lhes?

Sam – Porque precisamente são países pobres. O nível de vida é muito baixo e as desigualdades são muito marcadas. Não há classes médias, portanto, não há mercado interno. E, claro, os trabalhadores não têm dinheiro para comprar o que produzem.

Kim – É um pouco paradoxal, não?

Sam – Assim é... Todos os economistas te dirão isso.

Kim – Pergunto-me por que ainda não tivemos a ideia de guilhotinar alguns...

Sam – Oh là là! És um alterglobalista, não é?

Kim – É o meu lado Che Guevara...

Sam – E tu, em que piso trabalhas?

Kim – No décimo terceiro. Trabalho para uma ONG.

Sam – Pensei que este edifício só tinha doze andares.

Kim – Sim, sim, é verdade. Mas trabalho numa ONG fictícia.

Sam – Ah, está bem...

Kim – Na verdade, tenho que voltar.

Chega uma idosa que se parece muito com a morte.

Sam – Quem é ela?

Kim – A proprietária. Não a vemos muito por aqui...

Sam – A proprietária desta torre?

Kim – Da torre, sim. E de todas as empresas que alberga.

Sam – Inclusive as empresas fictícias...

Kim – Ela é acionista majoritária na holding que possui tudo isto. Antes pertencíamos aos fundos de pensões...

Sam – Mas agora que eliminaram as pensões...

Ele vai-se. O outro segue-o. Chegam dois personagens.

Jo – Tens notícias dele?

Nic – Morreu.

Jo – Merda. Então não era tão leve afinal. Não sabia que se podia morrer de riso.

Nic – Na verdade, morreu de exaustão. Estava sacudido por uma risada incontável o dia todo. E também à noite. Já não conseguia dormir. Foi o coração que não aguentou. Não pôde aproveitar muito a sua baixa médica.

Jo – E os médicos não conseguiram fazer nada para salvá-lo?

Nic – Tentaram de tudo para que ele parasse de rir. Até o levaram ao teatro. Mas a doença já estava demasiado avançada...

Ouve-se o ruído abafado de um alarme de incêndio. Chega uma terceira pessoa, aflita e em roupa interior.

Mat – Há um incêndio no rés-do-chão!

Jo – Um incêndio?

Mat – Trabalho no primeiro andar, mas subi ao sétimo porque... Bem, preferi refugiar-me no último andar. Talvez nos resgatem de helicóptero antes que o fogo chegue aqui.

Nic – Vês televisão a mais...

Mat – Meu Deus, deixei todos os meus arquivos no escritório! E a empresa para a qual trabalho também não está bem. O preço das ações está em queda livre...

Jo – Embora, se todos morrermos carbonizados...

Nic – Se quiseres, podemos gravar na tua sepultura o logotipo da tua empresa, com a inscrição "morto pelo sistema financeiro".

Mat – Tens razão... Se sairmos disto, asseguro-te que já não vou levar tudo tão tragicamente... Afinal, só se vive uma vez, não é?

Jo – Excepto os gatos, que têm sete vidas...

O segundo dá uma olhada na tela do seu telemóvel para ler a mensagem de texto que acabou de receber.

Nic – Acabei de receber uma mensagem de um colega que trabalha no primeiro andar.

Mat – Os bombeiros foram avisados?

Nic – É só um simulacro de incêndio.

Mat (*fazendo o sinal da cruz*) – Graças a Deus...

Jo – Sim... Quase poderíamos falar de um milagre...

Mat – Tenho que voltar imediatamente. O meu chefe vai perguntar onde estive.

Ele vai-se embora.

Nic – O dia-a-dia apanha-nos rapidamente...

Jo – Sim.

Nic – Desde a creche deveríamos ter protestado.

Jo – Sim... Mas não abrimos a boca.

Nic – Depois seguimos para a escola.

Jo – Percebemos que já estávamos entediados a tempo inteiro, mas pensámos que iria melhorar quando terminássemos os nossos estudos.

Nic – E depois começámos a trabalhar e pensámos que iria melhorar quando estivéssemos reformados.

Jo – E foi então que eliminaram as pensões.

Começam a ir-se.

Nic – E a propósito, o que pensas da recém-chegada?

Jo – A recém-chegada?

Nic – Não me digas que não a notaste...

Vão-se embora. Chega um personagem sozinho.

Ben – Não foi um simulacro de incêndio. Fui eu. Tentava fumar discretamente um charro nos banheiros. Como quando estava na escola. Mas naquela época, o único detector de fumo que tínhamos era o zelador... Agora, o zelador é o Big Brother, com sensores por todo o lado. É assim que estamos. Ainda temos que nos esconder para fumar. À nossa idade.

Acende um charro e fuma.

Ben – Que merda... Não esperava ganhar a loteria... Não jogo. E além disso, quem ganha a loteria... É um acaso. Algo que não fizeste nada para conseguir. Mas um pequeno empurrão do destino. Só um pouco de sorte. Suficiente para facilitar-te um pouco a vida... Não muito, para que possas dizer: Está bem, tive um golpe de sorte, mas ainda assim merecia. Mas a sorte não existe. Não há milagres. Ou talvez, quando tive a minha oportunidade, não soube aproveitá-la. Então fumo. Para ver a vida cor-de-rosa.

Chega outro personagem.

Ben (*oferecendo-lhe o charro*) – Queres?

Charlie – Obrigado, deixei. (*Começa a vaporizar*) Em que trabalhas?

Ben – Oh, em várias coisas. Mas, em geral, posso dizer que estou principalmente na merda. E tu?

Charlie – Sou... Bem, era contabilista. O meu chefe apanhou-me agora com a sua secretária nos banheiros do escritório.

Ben – Está proibido pelo regulamento interno da tua empresa de te deitar com a secretária do chefe?

Charlie – Só se o chefe já se deitar com a sua secretária.

Ben – Já percebi. Direito de preferência. Então despediram-te.

Charlie – Sem aviso prévio. Tenho que limpar a minha secretária antes de esta noite.

Ben – E o que vais fazer?

Charlie – Sabes quê? Acho que este despedimento é uma oportunidade para mim.

Ben – Ah, sim? Então és daqueles que vê o lado positivo...

Charlie – Nunca teria coragem de me demitir. Vou abrir a minha própria empresa.

Ben – Uma empresa de contabilidade, suponho.

Charlie – Quando saíres da prisão, não sonhas em tornar-te carcereiro. Não, vou abrir um restaurante. Não sei porquê, sempre quis ter um restaurante. Embora nem sequer saiba cozinhar.

Ben – Ah, sim. No entanto, isso pode ajudar quando queres dedicar-te à restauração...

Charlie – Trabalhas na restauração?

Ben – Em informática.

Charlie – Vou precisar de um chef... Sabes cozinhar?

Ben – Sei fazer massa.

Charlie – Podíamos abrir um restaurante italiano.

Ben – Onde é que vão abrir este restaurante?

Charlie – No Sul... Já que estamos... Já conheces a canção. Se tenho que acabar na miséria, será menos penoso sob o sol.

Ben – E além disso, quando abres um restaurante, pelo menos tens a segurança de não morrer de fome.

O outro prepara-se para ir-se embora.

Charlie – Vamos lá, vou meter todas as minhas coisas de escritório numa caixa, como nas séries americanas, e vou-me embora.

Ben – Vou descer contigo...

Charlie – Para o Sul?

Ben – Para o elevador, para começar.

Saem. Chegam um homem e uma mulher. Vaporiam um momento em silêncio.

Juan – Como vai?

Celia – Bem.

Juan – Queres ver um filme?

Celia – Esta noite?

Juan – Claro, esta noite.

Celia – O que está em cartaz?

Juan – Não sei, teríamos que ver. Vou verificar mais tarde.

Celia – Se quiseres, depois podemos ir jantar.

Juan – OK.

Celia – Também podemos comer em casa.

Juan – Está bem.

Ele aproxima-se da beira do palco e olha ao longe.

Juan – Nunca tinha reparado que daqui se vê a torre onde vivemos.

Celia – Não?

Ela aproxima-se.

Juan – Sim, olha, logo do outro lado da avenida.

Celia – Não vejo...

Ele aponta com o dedo.

Juan – À direita da central térmica. Aquela torre com o telhado cheio de antenas. É a nossa casa!

Celia – Ah, sim, tens razão. É curioso.

Juan – Sim.

Observam o cenário em silêncio por um momento.

Juan – Pergunto-me se não devia mudar de trabalho.

Celia – Ah, sim? Pois...

Juan – Romperia um pouco a rotina.

Celia – Mas quando dizes mudar de trabalho...

Juan – Ah, não, vou ficar no mesmo setor, fica tranquila.

Celia – Queres dizer mudar de empresa.

Juan – Um colega avisou-me que acabaram de abrir um posto de informático na empresa onde ele trabalha.

Celia – Ah, sim? E onde é?

Juan – No terceiro andar.

Celia – Ah, está bem...

Juan – Podemos fazer os nossos intervalos juntos.

Celia – Se achas que é melhor.

Juan – Bom, vamos voltar.

Celia – Está bem...

Vão-se embora. O Presidente volta acompanhado de outro personagem, homem ou mulher.

Presidente – Então, velho amigo, o que vai fazer agora que está reformado?

Dany – Oh, já sabe, não vou ter tempo para me aborrecer.

Presidente – Acredita mesmo nisso?

Dany – Vou fazer tudo o que não tive tempo de fazer até agora.

Presidente – Ah, sim? Como o quê, por exemplo?

Dany – Não sei...

Presidente – Ir pescar?

Dany – Por que não, sim...

Presidente – Eu digo que você vai se aborrecer, você verá.

Dany – No início, talvez um pouco.

Presidente – O trabalho é pior que o tabaco, em termos de vício. Nunca se deveria começar. Depois é demasiado tarde.

Dany – Então vou encarar a reforma como uma desintoxicação.

Presidente – A reforma não deveria existir. Na verdade, quase já não existe. Talvez seja o último a beneficiar desta aberração.

Dany – Acredita nisso?

Presidente – Hoje em dia, as pessoas vivem mais de cem anos e morrem de boa saúde. Sente-se velho?

Dany – Meu Deus...

Presidente – Está bem, não tem o ímpeto de um jovem de vinte anos, e custa-nos muito mais, mas... Poderíamos arranjar-lhe um trabalhinho secundário pago ao salário mínimo para que termine a sua carreira na Terra. Ou até um trabalho voluntário. Gostaria de trabalhar na cafetaria? Falta-nos pessoal para limpar.

Dany – Pois...

Presidente – Mas estou a brincar! Acredita em tudo o que lhe dizem, não é? (*O Presidente aproxima-se da beira do palco.*) Há uma vista magnífica daqui, nunca tinha reparado...

O outro aproxima-se por trás com os braços estendidos para o empurrar. Mas o Presidente vira-se e interpreta o gesto como uma tentativa de beijo.

Presidente – Vamos lá, velho, não sejas tão sensível.

Presidente – Vamos a sentir sua falta. Já não há tipos como você, por sorte. Aproveite a sua reforma, que já nos custa bastante.

Dany – Obrigado, senhor presidente.

O Presidente começa a afastar-se.

Dany – Senhor presidente!

Presidente – Sim?

Dany – Merda!

Presidente – Como no teatro, então? Obrigado pelos votos, velho.

O Presidente vai-se embora.

Dany – Nem consegui dizer merda antes de ir embora...

Sai. Chegam dois personagens, homens ou mulheres. Começam a vaporizar.

Micky – Há quanto tempo trabalhas aqui?

Rafa – É o meu primeiro dia. E tu?

Micky – Também é o meu primeiro dia. E acho que vai ser o último.

Rafa – Estás a prazo?

Micky – Não, acabei de mandar o meu chefe à merda.

Rafa – Deverias ter esperado pelo fim do período experimental.

Micky – Não é o meu estilo esperar. Sou impulsivo.

Rafa – E agora, o que vais fazer?

Micky – Talvez vá para o estrangeiro.

Rafa – Ah, é? Para onde?

Micky – Não sei. Talvez para a China.

Rafa – Falas chinês?

Micky – Vou aprender. A China é onde tudo está a acontecer agora, não é?

Rafa – Sim, talvez.

Micky – Queres almoçar juntos? Vou gastar os meus últimos tickets de refeição...

Rafa – Está bem.

Micky – Vamos comer comida chinesa.

Rafa – Assim podes começar a aprender o idioma.

Vão-se embora. Chegam outros dois e começam a fumar.

Fred – Como vai?

Al – Bem... Bom, na verdade, não...

Fred – O que se passa? Problemas pessoais?

Al – Bem, não. Não tenho problemas pessoais. Na verdade, não tenho vida pessoal.

Fred – Então, o que te acontece?

Al – Não sei... Uma sensação de vazio... A sensação de não estar no meu lugar... Sinto que enquanto estou aqui, a minha vida está a acontecer noutro lugar. Sem mim. Já alguma vez sentiste isso?

Fred – É só um pequeno baixo astral. Deverias ver um médico. Ele te dará algo. Não fiques assim, sabes. Não se deve brincar com isso.

Al – Para isso, posso tranquilizar-te de imediato. Já não jogo há muito tempo. Aliás, nem me lembro da última vez que ri.

Fred – Então, o que pensas fazer? Não vais fazer uma estupidez, ao menos. Quero dizer, como renunciar?

Al – Não sei... A vida é curiosa. No início, pensamos que temos problemas, mas que vamos resolvê-los um por um, e que depois estaremos tranquilos. E depois, damos conta de que uma vez resolvidos esses problemas, surgem outros. E sempre haverá mais problemas para resolver. O tempo passa e a partir de certa idade, começamos a pensar que todos esses problemas, um dia, já não serão nossos. Porque simplesmente não estaremos aqui. Acho que já alcancei essa idade. Não traz serenidade, mas permite certa distância. Sabias que o Papa morreu?

Fred – Não me digas que é isso que te afeta... Conhecias-o pessoalmente?

Al – Não...

Fred – Não sabia que te interessavas tanto pela religião. Acreditas em Deus?

Al – Não. E tu?

Vão-se embora. Chegam outros dois.

Mok – Ouviste isso? O Papa morreu.

Zac – O Papa?

Mok – O Papa.

Zac – E de quê morreu?

Mok – Cancro nos pulmões.

Zac – Não sabia que o Papa fumava.

Mok – Aparentemente, fumava às escondidas.

Zac – O tabaco é uma verdadeira merda.

Mok – Fidel Castro ou Winston Churchill, tanto faz. Se não tivessem fumado tanto e tivessem feito mais desporto, talvez ainda estariam vivos.

Zac – E se Hendrix tivesse tocado violino numa orquestra filarmónica, seguramente ainda estaria connosco hoje.

Mok – Pergunto-me o que estaria a fazer...?

Zac – Estaria a jogar Scrabble na sua residência de idosos com Jim Morrison, James Dean e Janis Joplin.

Mok – Tens razão, seria estranho... Achas que não vale a pena deixar de fumar?

Zac – Mas todas essas pessoas de que falamos já tinham alcançado o auge da sua arte. Nós ainda estamos à procura do que poderíamos ser bons.

Mok – Acho que se fôssemos génios, já se saberia.

Zac – Cervantes escreveu Don Quijote depois dos cinquenta. Ainda temos esperança.

Mok – Então, é preciso ser um génio para ter o direito de arruinar a saúde, não é?

Zac – O que queres que te diga? Somos da raça dos fodidos. É assim que as coisas são.

Vão-se embora. Chega um homem e uma mulher.

Gina – Já não fumas?

Alán – Não, parei.

Gina – Está bem.

O outro prepara uma linha de cocaína e aspira-a.

Alán – Em vez disso, voltei à cocaína.

Alán sai. O outro fica lá. Chega outra mulher.

Blanca – Olá.

Gina – Olá.

Blanca – Não consigo deixar.

Gina – Eu também não.

Blanca – É o trabalho. Estressa-me, então fumo para desestressar.

Gina – É o trabalho que devias deixar.

Blanca – Com certeza. Mas pergunto-me se não me custaria ainda mais deixar o trabalho.

Gina – O trabalho é uma droga dura. Deveria estar proibido.

Blanca – Sim. E tu, em que trabalhas?

Gina – Litígios... (*Diante da expressão perplexa da outra*) Recuperação de dívidas, esse tipo de coisas.

Blanca – Genial. Gostas?

Gina – Desde pequena sonhava em assediar pessoas endividadas e extorquir as suas últimas economias para pagar créditos de produtos que não precisam.

Blanca – Já percebo...

Gina – E tu? Também trabalhas para fazer a felicidade da humanidade?

Blanca – Assessora bancária... Deveria estar proibido chamar assessores bancários a pessoas que são vendedores. Não estamos aqui para dar conselhos, estamos aqui para vender produtos.

Gina – Sim... O meu fornecedor de internet liga-me todas as noites para saber se preciso de alguma coisa... É o único, de facto...

Blanca – Já viste a quantidade de empresas de serviços ao domicílio que estão a proliferar ao lado das lojas de cigarros eletrónicos?

Gina – O que são os serviços ao domicílio?

Blanca – Limpeza, cozinha, conversa...

Gina – Então, agora para falar com alguém, há que pagar.

Blanca – Fica tranquila, comigo é grátis. Por enquanto.

Gina – Vivemos tempos estranhos...

Blanca – Bom, tenho que voltar ao trabalho. Obrigada, falar um pouco contigo levantou-me o ânimo.

Vão-se embora. Antonio volta. Pouco depois chega Clara.

Clara – Ainda estás aqui?

António – Ninguém me espera em casa. Parece que tu também não.

Clara – Não.

António – Mas esta é a última vez que faço horas extras. Há alguns processos a fechar antes de me ir embora.

Clara – Ir embora?

António – Hoje apresentei a minha demissão.

Clara – Espero que não seja por minha causa.

António – Por que seria por tua causa?

Clara – Para evitar que trabalhemos na mesma empresa no improvável caso de termos uma relação sexual? Nesse caso, é uma pena. Realmente não era necessário.

António – Estás tão segura de que nunca vamos a deitar-nos juntos?

Clara – Principalmente porque estou a trabalhar como temporária. A minha missão aqui termina esta noite de qualquer forma...

António – Então, ambos vamos ficar desempregados.

Clara (*irónica*) – Nada se opõe já ao nosso amor...

Ele a beija e ela deixa-se levar.

António – Atualizei um pouco os meus métodos de sedução. E deixei de fazer piadas.

Clara – Já percebo...

António – Digamos que sou um pouco mais direto.

Clara – Não me desagrada.

António – Já está a escurecer. Em breve veremos as estrelas.

Clara vê algo contra uma das paredes da varanda, que pode permanecer invisível.

Clara – O que são essas placas com essas inscrições?

António – Ah, não estás a par, pois não? É verdade que estás como temporária. São epitáfios.

Clara – Epitáfios?

António – Há empresas que fornecem crematórios para os seus empregados. Bem, os proprietários desta torre oferecem aos empregados um jardim da memória para as cinzas dos falecidos.

Clara – Um jardim da memória...

António – Uma varanda da memória, se preferires. Os familiares do falecido podem espalhar as suas cinzas do alto da torre. Ou, se não o fizerem, faz o chefe.

Clara – E esta varanda da memória também serve como zona de fumadores...

António – Com o preço da habitação na cidade... E assim, os nossos queridos falecidos fumadores têm a sensação de estar um pouco em pausa.

Clara – Uma pausa definitiva.

António – O tabaco contribuiu amplamente para a solução definitiva do problema das pensões...

Clara – E o cemitério tornou-se numa dependência do escritório. O que diz nessas lápides?

António aproxima-se para ler algumas.

António – Vamos ver... (*Lendo*) "Não estou aqui, mas podem deixar-me uma mensagem"... "A mudança é agora"... "Amanhã deixo de fumar"...

Clara – Edificante...

António – Ouve isto, parece um aforismo: "Ao contrário das partículas, os testículos não podem estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo"...

Trocam um olhar.

Clara – É verdade que este lugar é muito romântico, mas talvez não devêssemos ficar muito tempo.

António – Posso fumar um último cigarro?

Clara (*decidida*) – Se queres seguir-me, é agora.

António – Está bem. (*Dirigem-se para a saída*) Onde vives?

Clara – Mesmo ao lado. Queres tomar algo em casa?

António – Concordo. Mas aviso-te, nunca durmo na primeira noite.

Clara – Lá estás tu com as tuas piadas.

Vão-se embora. Chega um personagem (homem ou mulher). Vapeia um momento antes de se dirigir ao público.

Personagem – Este é o meu último cigarro. Acabou. Vou parar. Não sei por que estou a contar-vos isto. De qualquer forma, amanhã será sem mim. Duvidei muito tempo, mas no final decidi-me. Nunca é o momento certo, não é? Nem todos os dias é fácil encontrar uma boa razão para seguir em frente. Mas acreditem, é ainda mais difícil parar aqui, sem razão. Não sei como todas essas pessoas conseguem deixar uma pequena nota atrás de si. Uma carta de demissão. O que esperam ainda? Um pouco de compreensão? Vou-me em silêncio. O que poderia dizer-lhes? O que poderiam entender? Nem eu mesmo me entendo. A vida já não me entende. E se me respondessem? O que se pode responder aos ausentes? Vou-me sem dizer uma palavra. Sem aviso prévio. Deixo o meu lugar. Porque serei substituído, claro. Também vocês. Não sonhem. Na multidão, ninguém é insubstituível. Quando já não estás aqui, chega outro. Aqui ou noutra lugar. Um pouco mais tarde ou logo a seguir. (*Aperta o seu cigarro ou guarda o seu vaporizador.*) Não, se pudesse dizer-vos algo antes de ir, diria apenas: não se preocupem, fundir-me-ei na multidão. Já não estou aqui. (*Uma pausa*) Não é a morte. É apenas uma nova vida que começa...

O personagem vai-se embora.

Chega uma mulher, vestida como Mamã Natal. Acende um cigarro ou começa a vapeia. Chega um homem. Primeiro vê a mulher de costas e fica um pouco surpreendido com o seu disfarce de Papá Natal. Fica ainda mais surpreendido quando a mulher se vira e vê que é Mamã Natal.

Homem – Bom dia...

Mamã Natal – Olá.

Homem – Tu...?

Mamã Natal – Venho para a árvore de Natal.

Homem – A árvore de Natal...?

Mamã Natal – A árvore de Natal da empresa. Presumo que é para a qual trabalhas.

Homem – Ah sim, é verdade... A árvore de Natal... Nem sabia que ainda existia... Agora, com todas estas leis sobre a laicidade...

Mamã Natal – Não tens filhos...

Homem – Não tenho tempo, infelizmente. Em vinte ou trinta anos, talvez... Se o plano de saúde complementar da minha empresa aceitar reembolsar a congelamento dos meus espermatozoides até à minha reforma. E tu...?

Mamã Natal – Trabalho um ano de cada dois para o Comité de Empresa. No restante do ano, faço teatro. Mas já sabes, o teatro...

Homem – Sim... Há que ganhar a vida... E não tens barba?

Mamã Natal – Preferias que tivesse barba?

Homem – Não, não, estás... Estás encantadora assim... Mas por que um ano de cada dois?

Mamã Natal – É por causa da paridade.

Homem – A paridade?

Mamã Natal – Para combater o sexismo, o Comité de Empresa decidiu que um ano de cada dois, o Pai Natal seria uma mulher.

Homem – Ah, sim...

Mamã Natal – Se pensares bem... Não há razão para que apenas atores do sexo masculino possam esperar encontrar um trabalho temporário durante as festas.

Homem – Tenho de admitir que nunca tinha pensado nisso.

Mamã Natal – Para nós, é uma atividade sazonal muito importante.

Homem – Claro...

O homem começa a vapeia também.

Homem – E tu, tens filhos?

Mamã Natal – Tenho milhares...

Homem – Ah, sim? Um erro de manipulação durante a descongelação dos teus óvulos, talvez?

Mamã Natal – Sou a Mamã Natal! Todas as crianças são meus filhos.

Homem – Entendido...

Fumam um momento.

Homem – E... Há um Pai Natal?

Mamã Natal – Não me digas que a esta altura ainda tens essa dúvida...

Homem – Queria dizer, quando chegas a casa, há um Pai Natal que te espera na sua cabana, com quem partilhas todas as tarefas domésticas segundo as estritas regras de igualdade homem-mulher?

Mamã Natal – Pois não. Já que queres saber tudo, ninguém me espera em baixo com um trenó. Quanto a mim, o Pai Natal não existe...

Homem – É curioso, mas ao contrário da primeira vez que ouvi isso, hoje tendem a achar que é uma boa notícia...

Mamã Natal apaga o seu cigarro ou guarda o seu vaporizador.

Mamã Natal – Tenho de voltar... Tenho de terminar de decorar a árvore... E depois tenho uma hora de comboio para voltar a casa...

Homem – O meu carro está em baixo. Também tenho algo a terminar e depois vou-me embora. Posso levar-te, se quiseres. Fica no caminho.

Mamã Natal – Ainda não te disse onde vivo.

Homem – Mas já sei que fica no caminho.

Mamã Natal – A magia do Natal...

Saem juntos. Música à escolha. Todos os participantes voltam ao palco, como mortos-vivos, para uma coreografia ao estilo de "Thriller" de Michael Jackson, revisitada como um flash mob.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Junho de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-235-7

Documento para download gratuito